

D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra

De todas as negociações diplomaticas que fizemos para sustentar a restauração de 1640, a mais notavel e contestada foi a do casamento da infanta D. Catharina, filha del-rei D. João IV, com o rei da Gran-Bretanha, Carlos II.

Bem viram os ministros e conselheiros da nova dynastia que o reino não tinha forças proprias para resistir ao poder de Castella e a toda a casa de Austria; por isso o seu principal empenho foi conseguir o reconhecimento e auxilio das principaes potencias da Europa.

Logo em 1641 fez Portugal tratados de alliança com a França, Suecia e Dinamarca; de tregoas com a Hollanda; e em 1642 de paz e commercio com a Inglaterra. Mas isto só conseguia não termos estas nações por inimigas. Era urgente havel-as tambem por auxiliares, dando-nos soccorros de gente e munições de guerra.

A este intento se enviaram os fidalgos e letrados de maior sufficiencia (que os havia então de mão cheia) para diversas cortes.

Como assessor de todos elles, o famoso padre Antonio Vieira passou sete vezes o canal de Inglaterra, duas o golpho de Lyão, quatro atravessou a França, e a maior parte da Inglaterra e Hollanda [1].

[1] Memorial dos serviços do padre Antonio Vieira, Tomo IV das *Obras ineditas*.

De tantas e tão activas diligencias, só conseguimos da França promessa de soccorros, á custa de grandes subsidios; o comprarmos alguns navios e armamento na Hollanda; assoldadarmos alguma tropa aventureira; e fazer um emprestimo na praça de Amestardão. Póde-se dizer que antes da vinda do marechal conde de Schomberg em 1660, com seiscentos voluntarios, por intervenção do marechal Turenne, Portugal sustentou a guerra de Hespanha sómente com as tropas nacionaes, durante vinte annos, em que alcançou outras tantas victorias, até á decisiva, em Montes-Claros, unica em que entrou Schomberg com o posto de mestre de campo general, commandando o exercito e dirigindo a batalha o marquez de Marialva.

Se tal façanha nos parece hoje fabulosa, maior será o assombro, se considerarmos que Portugal, quando soltou o grito da independencia, «achava-se inteiramente desprovido de dinheiro, de artilheria, armas e polvora; que os armazens e arsenaes careciam de tudo quanto é mister para a guerra, tanto por mar como por terra; que o povo não tinha nenhuma disciplina militar; que não havia cavallos; que n'uma fronteira de cento e cincoenta legoas não existia uma só praça em estado de defender-se; que o dominio (bens proprios) dos antigos reis estava empenhado ou vendido; e pela mesma maneira o rendimento das alfandegas de Lisboa, que constituia a maior parte dos do reino,

os quaes, como se achassem empenhados em mão de pessoas que tinham grandemente contribuido para a acclamação del-rei, não havia meio de desempenhal-os senão pagando o que legitimamente se lhes devia; por ser costume da corôa de Castella, sempre conforme com o dos usurpadores, começar por vender e destruir o patrimonio dos reis desthronados, para tirar-lhes toda a esperança de o poderem recobrar.»

Este quadro, tão fiel como lastimoso, transmittido pelo enviado de França em Lisboa ao cardeal Mazarino [1], não só nos servirá para aferirmos a heroicidade da resistencia com que, em tal abatimento e desajudados, nos defendemos da invasão hespanhola no seculo XVII; mas tambem para que os pusillanimes, que nos julgam hoje em estado de não podermos manter a nossa autonomia, vejam quanto póde a união, o patriotismo e o amor da liberdade.

Portugal não está presentemente tão empobrecido como em 1640; e se depois de uma guerra de quasi trinta annos, se restabeleceu até chegar á opulencia do reinado de D. João V, o aproveitamento dos recursos que ainda temos nos póde abrir um futuro de prosperidade e grandeza.

Já vimos como os nossos alliados, a França e a Inglaterra, nos deixaram, por espaço de vinte annos, luctando a sós com a Hespanha, repellidos pela curia romana, e trahidos pelos hollandezes; vejamos agora as diligencias que os diplomatas portuguezes fizeram, durante esse periodo, para conseguirem os soccorros com que podessemos pôr termo a tão arriscada lucta.

Como n'aquelle tempo as allianças matrimoniaes entre as casas reinantes eram os pactos que decidiam quasi sempre a sorte dos povos, logo em 1643 enviou D. João IV um embaixador a Paris para ajustar o casamento do principe D. Theodosio, herdeiro da corôa, com a duqueza de Montpensier, sobrinha de Luiz XIII.

Não tendo vingado esta tentativa, foram incumbidos o marquez de Nisa e o padre Vieira de tratar do matrimonio do mesmo principe com a filha mais velha do duque de Orleans, interessando n'esta negociação o ministro absoluto de Luiz XIV, o cardeal Mazarino, ao qual offereceram o arcebispado de Evora, e um presente de trezentos mil cruzados em pimenta, alcatifas e outras coisas preciosas da India, para elle distribuir como entendesse; porque n'aquelle tempo toda a diplomacia calçava d'estas *luvas*, e Mazarino tinha fama de peiteiro. O astuto cardeal prometteu favorecer este projecto, mas não cumpriu a sua palavra, ao que era useiro, como bem o provou depois, excluindo Portugal da paz dos Pyrenéos, em 1660, contra a boa fé do tratado que haviamos celebrado com a França, que elle então governava despoticamente.

Nova tentativa fez o afamado padre Vieira, para casar o principe D. Theodosio com D. Maria Thereza de Austria, filha e herdeira de Filippe IV, que depois casou com Luiz XIV. Contava o eloquente jesuita que, celebrando-se este consorcio do successor do throno portuguez com a herdeira da monarchia hespanhola, o rei de Castella desistiria das suas pretenções á corôa de Portugal, em beneficio de sua filha, e assim terminaria a guerra.

Baldou-se-lhe tambem este projecto, porque a Hespanha tinha já destinado esta princeza para Luiz XIV, e com ella comprar a paz da França, cuja guerra lhe era mais nociva que a nossa.

Não descoroçoou Antonio Vieira com ver mallogradas todas as suas fadigas para alcançar a paz do reino com o casamento do seu augusto discipulo, porque, embora o principe D. Theodosio não recebesse lições do padre Vieira, tinha elle alvará de mestre de sua alteza.

[1] *Quadro Elem.*, tomo IV, pag. 384, publicado pelo visconde de Santarem.

A ultima tentativa foi mais audaciosa. Com instrucções secretas, escriptas pelo secretario de estado Pedro Vieira da Silva, depois bispo de Leiria, se transferiu a Paris, e ahi as apresentou ao marquez de Nisa, nosso embaixador, para que buscasse logo o cardeal Mazarino, e lhe dissesse que el-rei de Portugal levava em gosto casar o principe D. Theodosio com *madamoysela* de Longueville, podendo logo vir com ella o duque seu pae, a quem sua magestade largaria o governo do reino, para o governar em quanto o principe não tivesse edade; passando o sr. D. João IV ao Brasil com o titulo de rei d'aquelle estado.

O embaixador, espantado da novidade de tal proposta, e repugnando-lhe o seu conteudo, exclamou «que não era elle o vassallo que havia de entregar o reino de Portugal aos francezes e tiral-o a el-rei D. João; e que antes *cortaria as mãos* do que assignar tal tratado.»

Consta este facto (que demanda longo commentario, a que n'outro logar nos entregaremos) de um documento original que possuimos [1].

Apenas com dezoito annos, falleceu o principe D. Theodosio, solteiro, apesar de haver tido tantas noivas e tão solerte casamenteiro! Mas o padre Vieira, se lhe não fez o casamento, escreveu-lhe o necrologio, no eloquente e affectuoso sermão das exequias que a Companhia de Jesus lhe celebrou no seu collegio do Maranhão, onde Vieira por esse tempo residia.

N'esta memoranda oração funebre, onde ha lances dignos de Bossuet, seu contemporaneo, não deixou elle de commemorar o assumpto que tanto o havia preoccupado, mas de modo que elegantemente sublima a resignação com que D. Theodosio acceitava todas as propostas matrimoniaes, com tanto que a paz e segurança do reino se conseguissem.

Eis as palavras do padre Vieira:

«Tratou-se por vezes do casamento do principe. E como se havia elle n'este ponto? O mais desinteressado voto de quantos entravam n'este conselho era o seu. Porque os outros procuravam de lhe saber a inclinação, e elle nunca já mais a mostrou; e assim discorria como se lhe não tocára. Os outros principes consultam os casamentos com os retratos; o nosso consultava-o com as conveniencias do reino; e entre as princezas que se propunham, aquella que estava melhor ao reino, essa lhe parecia melhor.»

E não se haja isto por adulação de panegyrista. D. Theodosio nunca mostrou inclinação ao matrimonio. Os seus amores (diz o mesmo orador) eram Deus e os livros. Todas as historias do tempo exaltam o raro talento d'este principe, que aos treze annos já assistia ao conselho de estado. Tinha muita instrucção e perspicacia; sabia as linguas latina, franceza, italiana e hespanhola. Aborrecia os cortezãos e aduladores, mas gostava dos poetas, porque (diz engraçadamente o padre Vieira) quem mente por profissão falla verdade, não engana.

Tem-se dito que os jesuitas o educavam para entrar na Companhia: mas o proprio Vieira, n'uma carta que lhe escreveu de Roma, exhorta-o a que vá para a frente do exercito, dizendo-lhe: «Eia, meu principe: despida-se dos livros, que é chegado o tempo de ensinar aos portuguezes e ao mundo o que vossa alteza n'elles tem estudado. Armas, guerras, victorias; pôr bandeiras inimigas e coroas aos pés; são de hoje em diante as obrigações de vossa alteza; e estas as minhas esperanças.» E o principe partiu logo para a fronteira do Alemtejo.

Não cessaram, com a morte do successor de D.

[1] O commendador J. F. Lisboa, escriptor brasileiro, a quem démos cópia d'este documento, juntamento com outras noticias para a *Vida do padre Antonio Vieira*, que andava compondo, e que foi publicada no tomo IV das suas *Obras*, impressas na cidade do Maranhão em 1866, transcreveu-o e analysou-o, mas nem sequer rastreou a significação que tem aquelle papel para a historia das missões diplomaticas de que foi encarregado e das que suggeriu o padre Vieira.

João IV, as diligencias para se conseguir a paz com uma vantajosa alliança matrimonial.

A infanta D. Catharina, irmã de D. Theodosio, não tinha corôa para offerecer ao marido; foi então forçoso desencravar da de Portugal as joias lapidadas com as laminas dos nossos aguerridos conquistadores da Asia e da Africa, para servirem de dote e arrhas á filha do empobrecido senhor d'áquem e d'além-mar, herdeiro del-rei D. Manuel!

Tal foi a desastrosa conjunctura em que, com a mão da infanta D. Catharina, démos ao rei de Inglaterra Bombaim, Tanger e Ceylão em 1661, para salvar a herança accumulada de tantos seculos.

E ainda assim, houve muitos pregões, mas um só lançador, n'esta hasta publica.

Quatro foram os principes a quem se offereceu a mão de D. Catharina: 1.º a D. João de Austria, filho natural de Filippe IV, rei de Hespanha; 2.º ao duque de Beaufort, neto de Henrique IV; 3.º a Luiz XIV, rei de França; 4.º a Carlos II, rei de Inglaterra.

Summariemos as negociações que houve com cada um d'estes principes.

(Continúa) A. DA SILVA TULLIO.

NOTICIA ARCHEOLOGICA

Em fevereiro ou março d'este anno, cavando uns trabalhadores para abacellarem uma terra do sr. Dordio, lavrador de Arrayolios, encontraram um sarcophago romano. Era um caixão feito de pedras de marmore de 0m,02 a 0m,03 de espessura, completamente lisas, sem letras nem ornatos. Vêem-se n'estas pedras signaes de terem sido serradas; quatro tem 1m,60 de comprido e 0m,60 de largo. As outras duas, com dimensões proporcionadas, formavam os topos do caixão. Estavam todas em seus logares, mas sem nenhum cimento, e apenas ligadas por tres peças de ferro, que engatavam as pedras lateraes por baixo da pedra superior, que servia de tampa. Uma camada de tijolos cobria toda a sepultura. Dentro appareceram ossos humanos, e na pedra do fundo algumas manchas denegridas, em correspondencia ás partes mais salientes do corpo, que as haviam produzido com os humores acidos da decomposição cadaverica. Affirmaram-nos que se encontrára juntamente uma moeda de cobre de Augusto.

Nos sitios de Arrayollos houve uma povoação romana chamada Calantica. Na distancia de menos de seis kilometros e a nornoroeste da villa acham-se muitas reliquias d'aquella povoação, sendo a principal o proprio templo de Sant'Anna, que conserva ainda, segundo diz o sr. Rivara, quasi tres quartas partes da fabrica primitiva.

O sarcophago appareceu do lado opposto, no sitio que chamam Villa Ladra, a um kilometro de Arrayollos, da parte de sudoeste. Aqui mesmo se tem achado alguns raros vestigios romanos, e tambem ha pouco tempo, conforme nos disseram, uma moeda de oiro gothica. Os ferros, um fragmento do marmore e um tijolo romano, obsequiosamente nol-os cedeu o sr. Dordio para a bibliotheca publica de Evora, onde hoje se conservam.

A. FILIPPE SIMÕES.

BEIJA-FLOR E PASSARINHO MOSCARDO

Ha no Brasil e em outras regiões da America meridional uns passarinhos, a que bem quadra o titulo de portento da creação, porque em nenhum outro ser tão pequenino reuniu o Creador tantos e taes dotes de elegancia e formosura, de brilho e graça.

No sertão do Brasil chamam-lhes os gentios, em umas partes *garraciram*, e n'outras *guainumbi*. No Rio de Janeiro e nas outras cidades do imperio dão-lhes o nome de *beija-flor*. Os francezes denominam-n'os *colibris* e *passarinhos moscardos*. A sciencia designa-os sob o vocabulo *trochilus*, que constitue um genero da familia dos passarinhos *tenuirostros*, ou de bico delgado. Os ornithologistas modernos formam d'estas avesinhas uma pequena familia natural, composta de um unico genero, dividido em dois grupos ou sub-generos, um dos beija-flores propriamente ditos *(trochilus)*, outro dos passarinhos moscardos *(orthorhyncus* ou *ornismya*, e tambem por alguns naturalistas denominados *trochilus)*.

Os beija-flores, em geral, são maiores que os passarinhos moscardos. Estes tem o bico direito, aquelles curvo, mas em ambas as especies é delgadissimo. São muitas as variedades que ha d'estas avesinhas, differençando-se tanto pelo tamanho e pela fórma, como pela diversidade de côres da sua plumagem. Todas são de corpo tão pequenino, que, pela maior parte, pouco excedem as proporções em que as representa a nossa gravura.

Quanto ás côres, são estas tão vivas e tanto brilham com seus reflexos metallicos, que não póde a penna, nem poderá o pincel mais subtil e amestrado, descrever ou retratar com exacção tão peregrina belleza. Dão alguma idéa d'ella os nomes por que são conhecidas certas variedades; pois que ha beija-flores e passarinhos moscardos a que chamam *esmeraldas*, a outros *amethistas*, a alguns *granadas*, a outros *rubim-topasios*, etc. E estes nomes ajustam-se perfeitamente a tão gentis aves, porque a sua plumagem não sómente imita nas côres as pedras preciosas, mas até as excede no brilho.

Vamos copiar de um dos nossos mais elegantes escriptores do seculo XVII a descripção de uma d'estas aves. Com a penna molhada em negra tinta não é possivel, certamente, fazer retrato mais parecido de um passarinho que tem por principal dote da sua gentileza o esplendor das côres de que se veste. O padre Balthazar Telles, chronista da companhia de Jesus, tratando do Brasil no tomo I da sua *Chronica*, descreve do seguinte modo uma variedade dos passarinhos moscardos:

«Tambem é maravilhosa a formosura e diversidade de aves e passaros que Deus creou no Brasil, alguns de côres finissimas, de tão suaves musicas, de tão galharda vista, de instinctos tão particulares e curiosos, que é muito para louvar e engrandecer ao Supremo Auctor da natureza, que assim soube enriquecer aquella terra com plantas, povoal-a de animaes, e encher seus ares com tantas aves e com passaros tão curiosos. E pois entrei n'esta materia das aves, ainda que vou tão apressado, não posso deixar de me deter em descrever a curiosidade da vista, ao menos, em um, e o instincto da natureza em outro.

«Ha um passaro que, além de constar de côres finissimas, tem um como barrete na cabeça de pennas tão formosas, que representam toda a variedade das que escassamente alcançam os que melhor d'ellas entendem. Se o pôem de uma parte, não ha veludo carmesim nem escarlate de mais viva côr; e logo se o viraes para a outra, não ha preto mais escuro nem mais lindo azul celeste; e se lhe daes outra volta, não ha peça mais doirada nem diamante mais resplandecente. O papo é de côr peregrina, a que não sabemos bem dar o proprio nome, porque se lhe quereis chamar amarello, logo se vos representa verde; e quando cuidaveis que era azul, de repente se vos mostra encarnado, e em um momento parece laranjado; e logo jurareis que é leonado; com uma tão notavel mistura de todas as côres juntas, que, pol-as furtar todas á natureza, lhe quadrava melhor o nome de furta-côres;

se lhe não quizermos chamar Protheo das côres. O mais corpo é revestido de um pardo mui gracioso, que faz realçar mais e sair mais brilhantes as outras côres, mas até este mesmo pardo sae como sobre doirado, enrequecido com mil esmaltes e retoques de encarnado, que avultam mais sobre a côr parda do vestido. O bico é muito comprido, e todo preto, com o qual apanha o orvalho e mel de que se mantem a si, e sustentam seus filhos; de modo que a sustentação não é da terra, como dos outros animaes, mas toda dependendo do ceo, como se não tivesse a terra pasto digno de tão formosa ave. Chamam-lhe os naturaes *garracicum*.»

O observador estudioso que seguir estas aves no livre exercicio dos seus habitos, achal-as-ha, sem dúvida, tão interessantes em seus costumes, como são bellas e encantadoras para a vista.

A vida em sociedade é a que mais apraz ao beija-flor. Todavia, não é raro vel-o solitario, errando entre os raminhos de uma arvore florida. Mas ordinariamente onde se eleva uma arvore ou um arbusto coberto de flores, ahi se representa a mais vistosa e alegre scena que os olhos do homem podem ver. Figurae um bando numerosissimo de beija-flores e passarinhos moscardos, esvoaçando em continuos volteios em torno da arvore ou arbusto, qual enxame de abelhas, que perfeitamente imitam na rapidez dos movimentos e no zumbido. Cruzando-se em todos os sentidos, ora se dirigem a uma flor como enamorados da sua belleza, ora a deixam bruscamente apenas tocam



Beija-flores ermitas e seus ninhos

nas suas pétalas, voando ligeiros em busca de outra mais bella. Aqui, suspensos, immoveis sobre a corolla gentil que os seduz, sugam em um relancear d'olhos o nectar melifluo que o calice encerra. Alli disputam á porfia, em ruidosa contenda, a posse de um thesouro de mel e de orvalho que os raios do sol matinal acabam de abrir. Além saltam, brincando, de tronco em tronco, ou penduram-se das folhas, como fingindo cair. Acolá, poisados nas extremidades dos mais frageis raminhos, deixam-se embalar pelas auras, parecendo embriagados dos suaves perfumes que ellas vão espalhando. E n'esse festim aéreo em que andam embevecidos, antolha-se a quem os vê, umas vezes que descrevem nos ares, na rapidez do vôo, um arco iris tão formoso como o que os raios do sol projectam sobre as nuvens; outras vezes que vão derramando por cima da folhagem e das flores esmeraldas e topazios, amethistas e rubins.

Não se presuma que, para se desfructar tão donoso espectaculo, é necessario entranhar-se o curioso nas solidões do Brasil. Não obstante serem estas avezinhas tão timidas que o menor bulicio as assusta, afugentando-as até o simples murmurio das folhas que o vento agita, aproximam-se afoitas das habitações, attrahidas das numerosas flores que nos jardins contiguos lhes offerecem abundante e saboroso pasto.

Ninguem dirá, observando estas aves pequeninas e mimosas, que não sejam dotadas de indole e habitos tão constantemente doces como o mel de que se alimentam. Pois, pelo contrario, os seus instinctos assumem ás vezes o aspecto das paixões que fazem pulsar com força o coração do homem. Se alguma ave estranha vem poisar na arvore florida, que o lindo bando plumoso alegra, adorna e explora, logo de subito algum beija-flor, e após este muitos outros, vão perseguir o intruso, como em defensa do direito de propriedade, e, tirando forças do numero e da coragem, com seus continuados e impertinentes ataques, que mal se podem chamar violencias, conseguem afugental-o.

Não são menos ardentes nas manifestações do amor, que n'aquelles impulsos da ambição ciosa. Quando a femea foge, esquiva, aos afagos do amante, é coisa engraçada ver este a perseguil-a com evidentes signaes de colera, que se manifestam no vôo por gritos agudos e repetidos, e ao alcançar a ingrata pelas picadas enraivecidas com que precede as caricias.

A femea faz duas posturas no anno, cada uma apenas de dois ovos, brancos e tão pequeninos como uma ervilha. E para a criação da tenra prole constroem os beija-flores e passarinhos moscardos o mais delicado ninho que a natureza ensinou ás aves a fabricar. Externamente é entretecido de uma variedade de musgo muito mimoso, de côr cinzenta, atirando para azul, que se cria nas arvores annosas. O interior é forrado com a felpa do algodão, ou da sumahuma, ou de outras flores cujas sementes são acompanhadas de substancias volateis. Com a sua saliva, que é uma especie de gluten, unem e pegam uns aos outros os pedacinhos de musgo; e por meio das fibras de certas plantas ligam o ninho, raras vezes aos troncos, quasi sempre ás folhas de um arbusto que sejam mais compridas que largas. Menos de tres centimetros de diametro, e pouco mais de tres de altura, são as dimensões d'estes ninhos em miniatura. Em fim, esse berço aéreo, que as mais ligeiras brisas embalam, é uma obra prima de delicadeza, de elegancia e de solidez.

Que painel mais interessante e encantador póde apresentar a creação; que espectaculo mais maravilhoso que este de uma familia, composta de pae, mãe e filhinhos, todos radiantes de formosura, habitando alegres, em doce e amorosa união, na simples folha de uma arvore ou arbusto? Que esforço de arte e intelligencia; que expressão tão viva de sentimento; que scena tão bella e graciosa passada em um dedal de musgo e algodão!



1 Passarinho moscardo rubim-topasio e o seu ninho — 2 Passarinho moscardo esmeralda tambem conhecido pelo epitheto de pôpa e collo gentil

O macho e a femea repartem entre si os cuidados e fadigas da incubação, bem como os desvelos e carinhos da criação. E não só os repartem, mas até mutuamente se auxiliam, para que menos lhes custem taes enfados. Assim, pois, em quanto um está no chôco, ostentando os reflexos metallicos do seu peito furtacôres, o outro ora lhe faz companhia, poisado na borda do raminho; ora esvoaça em torno d'elle em alegre folguedo; e se por momentos o abandona, é para ir roubar o nectar ás flores, volvendo promptamente a deposital-o no bico do seu amavel companheiro.

Bastam quinze dias para se gerarem e nascerem os filhinhos, que nos primeiros dias não fazem mais vulto que uma abelha. E apenas nascem, é muito curioso ver como nos paes redobram os cuidados e desvelos, e como em tão pequenos corpinhos se manifesta e desenvolve tão grande coragem na defensa da prole, arremettendo ousadamente qualquer ave ou reptil que a ameace, sem que os amedronte a grandeza do inimigo.

Os beija-flores e passarinhos moscardos habitam as regiões mais calidas do novo mundo. O Brasil é uma d'aquellas onde se encontram em maior numero.

Ainda não vae longe o tempo em que se dizia que estas graciosas creaturinhas só podiam viver nos paizes que trajam eternamente as galas da primavera. Todavia, hoje não é permittido duvidar de que, mediante assiduos cuidados e conchegos, com os quaes se lhes proporcione uma temperatura como a da sua terra natal, se obtem transportar para a Europa, e ahi conservar por longos tempos vivos, ageis e bem dispostos estes interessantes passarinhos. Na França e na Inglaterra admiram-se soberbas collecções d'elles em grandes viveiros envidraçados, aquecidos artificialmente. Na ultima exposição universal de Paris, erguia-se nos jardins que cercavam o palacio de cris-

tal um esbelto pavilhão, que tinha sempre junto ás suas vidraças numeroso concurso de visitantes, enlevados na gentileza das aves que o povoavam. Via-se alli uma das mais completas e lindas collecções de beija-flores e passarinhos moscardos que presentemente ha na Europa.

Não são difficeis de domesticar. Citam-se muitos exemplos de pessoas, principalmente senhoras, que, tendo-os em uma camara, em liberdade, conseguiram ensinal-os, sem grande custo, a acudirem á sua voz, para lhe tomarem dos labios ou da mão algum doce manjar.

Os meios geralmente empregados para caçar as aves não podiam servir, como bem se imaginará, para apanhar vivos e perfeitos, ou mortos de maneira que se podessem embalsamar, estes pequenos passarinhos. Roubar-lhes-hia o visco a formosura e brilho das côres, que movem inveja ás pedras preciosas. O chumbo, por mais miudo que fosse, faria pedaços, reduziria ao nada aquelles corpinhos tão exiguos. Colhem-n'os, porém, de differente modo, segundo o fim para que os querem. Matam-n'os, para os embalsamarem, atirando-lhes com ervilhas despedidas por uma sarabatana, ou com tiros de pistola carregada com grãos de areia. Apanham-n'os vivos com uma rede mui fina e subtil, a que chamam *teia de aranha*, ou por meio de um processo infallivel, é verdade, mas indigno de ser applicado a creaturas tão celestes e poeticas. Accommettendo repentinamente com o esguicho de uma seringa o bando descuidado, consegue o caçador lançar por terra muitas d'aquellas avezinhas, que, atordoadas com a violencia da agua, facilmente se deixam apanhar.

I. de Vilhena Barbosa.

SANTA CATHARINA

(TRADIÇÃO RELIGIOSA)

I

Santa Catharina nasceu na Alexandria. Era filha de uma familia muito nobre.

Segundo um piedoso historiador, Catharina resolveu baptisar-se por effeito de um sonho, ou antes de uma visão. Sonhando que a Virgem a apresentava ao Menino Jesus, que não queria attendel-a porque não estava baptisada, apressou-se em receber este sacramento. Então o Menino Jesus apresentou-se-lhe novamente, e a tomou para esposa na presença de sua Mãe e dos anjos, e, em signal d'este consorcio, Jesus lhe deu um annel, que a joven encontrou depois de acordar.

Catharina era muito viva e intelligente. Applicou-se ao estudo da theologia, e em pouco tempo achou-se habilitada para argumentar com os varões mais doutos da Alexandria.

II

Maximino reinava no Egypto.

Pagão, como fôra Constantino, no começo do seu reinado perseguiu os christãos, mas depois mandou publicar um edito em seu favor, quando julgou conveniente aos seus interesses reconciliar-se com elles. O odio incitára as perseguições; a politica extinguira-as.

Antes, porém, de succeder isto, e com o intuito de obrigar os christãos á apostasia, Maximino um dia ordenou extraordinarios sacrificios, os quaes todos os subditos deviam presenciar sob pena de morte. O proprio Maximino presidia a esta solemnidade no templo de Serapis.

Foi n'esta occasião que Santa Catharina, que tres vezes argumentou com o imperador, teve com este o seu primeiro colloquio. Queria a joven provar-lhe a superioridade do christianismo sobre o paganismo.

Maximino era ignorante, porém conhecia que não ficava em bom terreno se quizesse entrar em lucta com tal adversaria. Filho de um pegureiro, e sendo tambem pegureiro e depois soldado, nunca tivera tempo nem opportunidade nos campos para aprender a raciocionar *in modo et figura*. Como, porém, estava com os seus doutores ou doutrinarios, Catharina foi-lhes entregue.

Estes doutores, que andavam na corte do imperador Maximino, não eram menos de cincoenta. A joven não recusou nem se intimidou ante o numero. Argumentou com todos.

Descêra das alturas um anjo para a animar e prometter-lhe a victoria; e a victoria foi completa.

Apoiando-se na auctoridade de Socrates, Platão, Aristoteles e outros, Catharina demonstrou tão cabalmente a excellencia do christianismo, que o decano da faculdade declarou-se vencido, e não só vencido, mas tambem convertido.

Declarando os outros quarenta e nove doutores que participavam das opiniões do seu decano e as sustentavam, Maximino mandou-os queimar.

Assegura a tradição que a fogueira onde morreram lhes respeitára os corpos.

III

Pedíra Catharina ao imperador que se fizesse christão se ella conseguisse converter os doutores; mas, apesar de suppor a proposta muito ousada, o imperador não mandou, todavia, que a joven fosse comprehendida no auto de fé.

O facto explica-se. Maximino era barbaro e odiento no governo, mas no intimo amoravel para com o bello sexo.

Posto não quizesse ou não podesse acceitar as doutrinas de Catharina, o seu fervor causára-lhe enthusiasmo; e a belleza da mulher, realçada pelo calor de porfiada contenda, rendêra-lhe a final o coração.

Tendo-se exaltado o seu amor pela indifferença de Catharina, um dia resolveu-se o imperador a dizer-lhe que a tomaria para mulher se ella quizesse corresponder-lhe, mas a joven recusou afoitamente uma proposta que julgava offensiva.

Desde esse dia, pois, Maximino jurou vingar-se. Catharina foi entregue aos carrascos, os quaes, por meio de cruelissimas torturas, deviam tornal-a mais benevola para com o desencadeado affecto do imperador.

A virgem, estendida sobre um cavallete que lhe desconjunctava os membros, foi açoitada, até lhe fazerem sangue, por espaço de duas horas, e depois lançada no fundo de um calaboiço para ahi morrer de fome.

Maximino, para dissipar a paixão e esquecer-se da vingança em que tão cruelmente se exercitava, dizem que por essa occasião se foi distrahir pelas suas provincias, esperando que a pobre virgem se finasse na prisão.

No entretanto, sua mulher, a imperatriz Faustina, teve uma visão. Catharina fizera assental-a junto de si, e, pondo-lhe uma coroa na cabeça, dissera-lhe:

— Princeza, é meu santo esposo que vos dá esta coroa.

A imperatriz quiz ver o esposo da que lhe fazia similhante brinde, e pediu a um capitão da guarda imperial que lhe indagasse onde estava. O capitão logo conseguiu que se avistasse com Catharina, a qual, no fundo do calaboiço, predisse que os dois morreriam dentro de alguns dias, o que, com effeito, succedeu.

Nem a tortura, nem a fome, nem a sêde tinham mudado Catharina. Quando se avistou com a imperatriz estava mais bella que nunca. Não só esta extraor-

dinaria circumstancia, mas tambem a notavel eloquencia da joven, determinaram a conversão de Faustina e do capitão. E Maximino soube isto, e castigou o attentado.

No praso fixado por Catharina, a imperatriz e o capitão da guarda imperial pagaram a sua curiosidade e o seu atrevimento com o supplicio.

Vendo-se viuvo, Maximino contava que a joven Catharina seria mais affavel para com elle, e que a final se renderia. Os esforços empregaram-se baldadamente. Reconhecendo que era impossivel conseguir a sua vontade, o imperador determinou que decepassem a cabeça da joven.

Foi depois do terceiro colloquio com o imperador que este barbaro deu a Catharina similhante prova de affecto. O segundo colloquio, que se verificou logo que Maximino regressára da sua excursão pelas provincias, e no qual instára com Catharina para acceitar o logar que vagára pela morte da imperatriz Faustina, teve as mais tristes consequencias. Antes de mandar-lhe cortar a cabeça, o imperador decidiu-se a submettel-a a novas torturas; mas o singular é que os algozes que executavam as crueis ordens de Maximino foram as unicas victimas d'este martyrio, porque os instrumentos da tortura, despedaçando-se quando os applicavam a Catharina, tiraram-lhes a vida. Assim reza a tradição.

Santa Catharina contava dezenove annos apenas, quando tantos factos maravilhosos chamavam para ella a attenção de todos. A 25 de novembro de 307 foi juntar-se a seu celeste esposo.

Accrescenta a tradição que os anjos transportaram o corpo da virgem e martyr para o monte Sinai, onde o encontraram intacto passados seiscentos annos.

Os anjos desciam de vez em quando sobre o monte para entoarem hymnos em louvor da santa, como testimunham os cavalleiros ou monges que se dedicaram á guarda das venerandas reliquias alli encontradas.

O nome de Catharina quer dizer *pura e sem mancha*.

A virgem do monte Sinai é representada com uma corôa de princeza, como signal de sua illustre prosapia, e tendo ao lado uma roda de navalhas, como para indicar os martyrios que padeceu.

IV

Algumas mulheres celebres tem havido com o nome de Catharina. Fallaremos em primeiro logar das que foram canonisadas.

Santa Catharina da Suecia, filha de Santa Brigida, tem uma vida tão povoada de factos maravilhosos como a sua padroeira. Viveu virgem como ella, e aos sete annos, segundo affirmam os biographos, foi perseguida pelos demonios, que a açoitaram, saindo incolume de tão singular provação.

Santa Catharina de Sena tem ainda mais analogia com a virgem do monte Sinai. Dedicou-se como esta, desde muito nova, aos estudos theologicos, e por seus extasis, revelações e natural eloquencia, fez tambem innumeras conversões. Esta santa, que descendia de uma familia de industriaes e entrára em negociações com os pontifices do seu tempo, deixou algumas obras que, pela pureza e elegancia do estilo, se podem considerar classicas.

Vem depois ainda Santa Catharina de Bolonha, cuja festa é a 9 de março, e Santa Catharina de Genova, que a egreja celebra a 14 de setembro, as quaes se tornaram egualmente famosas por suas virtudes e por seus escriptos.

Catharina de Medicis, natural de Florença, mulher de Henrique II e mãe de Francisco II de França, já não entra, nem póde entrar, na classe das santas. Um de seus mais notaveis e dedicados biographos, tambem filho de Florença, tentou a rehabilitação de Catharina de Medicis, porém baldadamente. A vida d'esta Catharina marca a epocha mais odiosa e odienta da historia de França, e não ha aguas no Oceano que dissipem a negrura de que o espantoso morticinio de S. Bartholomeu envolveu para todo o sempre a sua memoria.

De Catharina de França, filha de Carlos VI e viuva de Henrique V, rei de Inglaterra, descende a casa de Tudor. Seu segundo marido usou d'este nome. Ou proceda da antiga nobreza de Galles, ou de uma familia de humildes operarios, como dizem alguns, é certo que foi o avô dos Richmond que, sob o nome de Henrique VII, subiu ao throno de Inglaterra logo que se verificou a morte do ultimo dos Plantagenets. Desde então o sangue real francez andou misturado com o sangue real inglez, até que se deu o primeiro desastre da casa Stuart.

Catharina de Aragão, filha de Fernando e Isabel, foi a primeira mulher de Henrique VIII. Embora não se mostrasse amavel, era, comtudo, boa. Apesar d'isso, Henrique repudiou-a sem conseguir a auctorisação que pedíra ao summo pontifice; e o que o chefe da egreja catholica nomeára «defensor da fé» separou-se, assim como o povo inglez, da egreja catholica, para não só assumir o titulo de «protector e chefe supremo da egreja de Inglaterra», mas para casar-se com Anna Bolena, a quem, pouco tempo depois, mandou cortar a cabeça.

Catharina Howard, quinta mulher de Henrique VIII, teve egual sorte.

A sexta mulher d'este originalissimo soberano chamava-se tambem Catharina [1]. Tinha a mania de argumentar ácerca de assumptos religiosos, e com isso amofinava Henrique VIII. A morte de seu augusto marido, occorrida quando elle pensava em mandar-lhe egualmente decepar a cabeça, deu por certo a Catharina Parr maior auctoridade, porque o facto era em favor das suas crenças.

Catharina de Portugal casou com o rei Carlos II de Inglaterra [2]. Dizem d'ella «que não tinha o corpo tão formoso como a alma», e, todavia, não lhe faltavam encantos. Esta filha do duque de Bragança (D. João IV), que subiu ao throno de seus antepassados, era mulher do filho do primeiro dos Stuarts, que foi desthronado. Singular coincidencia!

A Russia conta duas Catharinas, ambas esposas de grandes homens. A primeira casou-se com Pedro o Grande. Passou dos braços de um soldado para os do imperador, e foi digna d'esta elevação. Durante a vida do reformador Pedro, cujos costumes ella tambem se encarregou de reformar, Catharina salvou-o e ao seu exercito nas margens do Pruth, e depois da morte do czar assentou em bases mais solidas e melhorou muitas das instituições com que elle dotára o imperio.

Decorridos trinta e cinco annos, subiu ao throno, a que a sua antecessora dera tamanho realce, outra Catharina, não menos digna d'aquelle solio. Posto que não fosse esposa tão affectuosa, Catharina II tinha as altas qualidades da heroina de Livonia, mas, sem duvida, quadrava-lhe muito bem o cognome de Semiramis do Norte, que lhe deu Voltaire e lhe ficou.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Vid. pag. 18)

VII

Conclue, finalmente, o nosso Jeremias franciscano: «Morto este rei, ficou seu filho D. João II, e este acabou de nos tomar o mais e nos tirou a vista do Rocio, e nos pôs no que agora vêdes; e porem quem

[1] Catharina Parr.

[2] Vid. pag. 25.

vivêr verá que os mortos, que isto deram a S. Francisco, hão de clamar e pedir justiça a Deus. N'este tempo tinha el-rei grandes fadigas de guerra e outras coisas que a seu tempo parecerão, que tambem n'estas casas, onde se liam as escripturas de Deus, se deu sentença de morte com que degolaram o duque de Bragança; e agora querem fazer festas, que se hão de tornar em pranto; e quem viver verá. Dizem os padres velhos que cada rei que vier ha de tomar seu pouco, até que tomem toda a casa, não olhando que foi edificada com licença de S. Francisco e por seus companheiros santos, onde jazem tambem muitos letrados e homens santos, não entendendo os castigos e açoutes que lhes Deus dá.»

Tanto se alargou D. João II pelo convento, que, segundo affirma o padre Esperança, no aperto em que poz os frades, até officinas lhes faltavam. Restituiu-lhes, porém, a fim de a transformarem em enfermaria, uma casa que servia de relação.

Diz o auctor da memoria, que nos estudos, por onde D. Affonso V começára a apropriar-se do convento, se deu a sentença de morte do duque de Bragança. Diverge n'este ponto das chronicas contemporaneas, que são concordes em declarar que nos paços do conde de Olivença (onde é hoje a casa do duque de Cadaval) se hospedou el-rei, por serem melhores para o verão, e ahi foi sentenciado o infeliz duque.

As festas de que falla são as que se celebraram em Evora pelos desposorios do principe D. Affonso com a infanta de Castella em 1490; e os prantos que se seguiram tiveram por causa a morte desastrosa do mesmo principe em Santarem, oito mezes depois, no anno de 1491.

Obteve D. João II uma bulla de Alexandre VI, passada a 14 de abril de 1495, confirmando as annexações feitas, sob condição de compensar o convento com as obras mais uteis e necessarias, o que não chegou a cumprir, porque falleceu n'este mesmo anno de 1495.

VIII

Começando a reinar D. Manuel, achava-se reduzido á ultima extremidade, no material e na extensão, o convento de S. Francisco de Evora. Da grande casa que os frades antecedentemente haviam occupado não lhes restava mais que o templo em ruinas, a claustra e as edificações proximas, tambem em grande parte arruinadas. Da extensa horta, onde outr'ora podiam espairecer em dilatados passeios, apenas conservavam um pequeno quintal junto da portaria, até onde se tinham alargado os jardins dos paços reaes. A mão poderosa dos monarchas de quasi tudo os privára para augmentar e engrandecer a sua residencia predilecta.

Cuidou, porém, o novo rei de melhorar o convento, reedificando o alluido templo, restituindo a cozinha antiga, que estava tambem annexada ao palacio, e fazendo o dormitorio com outras obras de necessidade. Conta-se que em certa occasião se queixaram os religiosos ao seu real edificador de lhes deixar mui pequenas as portas das cellas, e que elle, entrando n'uma, lhes respondêra que por onde cabia um rei bem podia caber um frade.

Reedificou-se a egreja nos principios do seculo XVI. D'estas obras ficou uma curiosa memoria no foral que D. Manuel deu á cidade em 1501, e se guarda no archivo da camara. Tem no principio um desenho de côres, tosco e imperfeito, que representa a cidade n'aquella epocha, e por cima a seguinte epigraphe gothica: *Ebura colonia romana*. Ahi se vê a egreja de S. Francisco, tendo as paredes incompletas com um guindaste a indicar as obras que n'ella se faziam. O foral é tambem escripto de letra gothica em pergaminho com tarjas e illuminuras.

N'este mesmo reinado, tendo sido cento e oitenta e tres annos cabeça de custodia, se reformou o convento de Evora na regular observancia por bulla pontificia de 7 de julho de 1513. A carta em que D. Manuel o mandou entregar aos observantes foi passada em Lisboa a 22 de julho do dito anno, e apresentada no dia 29 do mesmo mez aos frades pelo licenciado João do Soiro, juiz da cidade, com a intimação de saírem do convento.

IX

Pelas obras e concessões del-rei D. Manuel, não se chegaram a separar os dominios reaes dos franciscanos, antes permaneceram, como antecedentemente, em reciproca dependencia. Servia-se a corte da tribuna da egreja por meio de communicações interiores, e consta que no tempo de D. João III não havia menos de sete portas communs aos paços e ao convento. Assim continuou tudo até ao tempo de Filippe III de Hespanha, que em 1619 deu aos religiosos todo o ferro do palacio para o applicarem a obras suas. Em 1626 deu-lhes tres salas, sendo uma d'ellas o quarto da rainha, que era do lado do Rocio, para o transformarem em dormitorio, e, além d'isso, o jardim, o laranjal e a agua da Prata.

Aproveitaram-se os frades das concessões, destruindo as grandezas do palacio, e enxertando no convento os marmores, as madeiras e todos os ricos despojos que alli encontraram; de modo que de tão vastos edificios não restam mais que as ruinas de duas galerias [1].

Do convento já tambem se não conserva muito. A parte menos arruinada é aquella onde se construiram no seculo XVII os dormitorios, cujas janellas dão sobre a rua do Paço e para o passeio publico. O que d'ahi se segue até á egreja são tudo ruinas. O refeitorio, construido por D. Manuel, como se via pelas espheras da abobada, e que estava contiguo á claustra, foi demolido ha quatro annos, depois de ter servido de tribunal judicial. Destinára-se o espaço que occupava e o terreno proximo á construcção de um mercado, que não teve ainda principio.

Os restos do convento e dos paços, com a cêrca, pertencem hoje á camara. O que passou dos fieis devotos aos frades, dos frades aos reis, e d'estes outra vez áquelles, veiu a final, pela successão dos tempos, a ser do municipio. Assim se restituiu ao dominio popular aquillo que primeiro pertenceu ao povo. O que as revoluções anniquilaram, o que a ignorancia e o desleixo destruiram, isso que a ninguem utilisou, sirva ao menos de persuadir a necessidade de preparar um futuro mais civilisado que os ultimos seculos, comprehendendo, apesar de todas as luzes, este em que vivemos.

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

DE UMA BRIGA

Vistes o que cada dia acontece nos povos, e cidades, principalmente grandes? Levantar-se entre homens sediciosos uma briga ou arruido subito, que na campanha se podéra chamar batalha. Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se offerece ás mãos. Chovem os golpes, vôam as pedras, uns ferem, outros caem, todos correm e acodem sem saber a quem ou contra quem, nem a causa: uns incitados do odio e da ira, outros sem ira nem odio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão.

P. ANTONIO VIEIRA.

[1] O padre Manuel Fialho viu, segundo diz, entre os papeis do convento as provisões de Filippe III. Jorge Cardoso escreveu a este respeito o seguinte no *Agiologio Lusitano:* «Hoje está reedificado (o convento) e em grande perfeição e restituido á sua primeira grandeza por mercê de Filippe III, quando veiu a este reino, o qual pousando n'elle fez doação de tudo aos religiosos, que de seus famosos portaes se aproveitaram para a obra, logrando ainda agora o celebre tanque e laranjal.»

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio